

TEXTOS / Interlocuções

Marina Moros

to potámi sti thálassa

[silêncio 74: 0'22. siopí: mar paradoxo, 4'54"]

era a ruína do tempo: o risco do colapso. “o risco, *per se*”, como se diria em voz alta. não seria permitido aqui. aqui, já não fazia mais sentido a contagem dos pontos, a ordem deles. o diagrama era perfeito demais - se você o seguisse, se tivesse alguma constância. (mas houve o branco, a dor nos olhos, um pouco antes – haveria a mesma dor um pouco depois -, mas, aí, os olhos já eram outros, os do esquecimento.

[23: 0':00" +/- pedra1, 1'12"]

havia ali outro diagrama, com menos correção. era uma postura do recuo. a distância como abismo: como quem se joga /ou para o que se joga (a quê?).

*o mar pra mim é até o horizonte **

e eis que, pela troca – do que tem peso –, o horizonte não existe.

a permanência da poeira é a medida da submersão.

ela, a ruína, não se dá ao desencaixe. ela, a ruína, é da ordem do deslocamento.

e não foi sonho, o corpo inclinado: as mãos voltaram molhadas.

[potámi, 16/8]

qual a sensibilidade do olho?

não a medida pelo tempo que dura o último escuro, mas pelo que permanece:

o que era invisível antes da vaga, o grão do olho, o que permanece. (depois da lavagem, da vagante que transforma a prata, o que se viu era outro).

não. não há acidente aqui. o impresso é acontecimento: o gesto como nada (coisa inteira, alguma). é a vista o que atinge o grão, a vertigem: pela montagem violenta da memória. ninguém falou da queda, do espaço invertido, do risco, da dor no grão do olho.

estavas culpado do tempo.

*quando nos debruçamos, o horizonte vacila **

[thálassa, 16/ 7'15"]

estavas culpado do tempo.

daquele que nos infligisse, mesmo tão ocupados de nós. e, entre um corte e outro, entre uma brutalidade e outra, na tensão angustiosa da memória

(porque sim, você sabe, não se volta puro daqui)

e do esquecimento que se abre o espaço para uma imagem outra, que surge pelo afeto e não pela percepção.

e de novo agoniza o olhar que ainda há pouco podia se erguer instintivamente e reconhecer (em imagem) um som ou uma sombra.

o que antes atravessava a visão se rompe: impossível fechar os olhos e se guiar pelo vazio se não se pode mais abri-los para que a experiência finde. uma nova ordem do visível.

*o poder do tempo sobre a cor das coisas **

o que pareceria paradoxal a essa disposição, conduz ao termo: a busca pelas semelhanças, sem interrupção. captação por retard ou por regard: a imagem pode ser carregada de retornos; e o que retorna é a possibilidade de um passado, a devolução de potência à memória, o rastro.

* georges didi-huberman